

AS DANÇAS DE MÁSCARAS

Theodore Koch-Grünberg

Tradução de:

Robert de Brose¹

¹Universidade Federal do Ceará

Die interessanteste Betätigung findet der Dämonenglaube in den Maskentänzen.

Viele Masken und Maskentänze haben die Kobéua mit den Káua des oberen Aiarý gemein, die nach ihrer eigenen Angabe die Maskentänze aus ihrer alten Heimat, vom Querarý, mitgebracht haben. „In alter Zeit“, so erzählte mir mein Freund, der Siusí-Häuptling Mandú, „kamen die Leute des Caiarý, die schon Masken machten, und lehrten diese Kunst den Aiarý-Leuten.

Die Verfertigung der Masken ist dieselbe wie am Aiarý. Mitteldicke, astlose Stücke von dem Stamm eines Laubbaumes, den die Kobéua *uahómo* nennen, werden mit dem Messer der äußeren Rinde entkleidet. Der daruntersitzende, weiße Bast wird

A mais interessante manifestação da crença em demônios encontra-se nas Danças de Máscaras.

Os kobéua¹ partilham com os káua do alto Aiarý² muitas máscaras e danças de máscaras, que, de acordo com informações dadas por eles mesmos, foram trazidas de sua antiga pátria, de Querarý. “Há muito tempo” – contou-me meu amigo Mandú, o chefe dos Siusí –, “o povo veio do Caiarý, fizeram belas máscaras e ensinaram essa arte para o povo Aiarý”.

A confecção das máscaras é a mesma que em Aiarý. Troncos de grossura mediana e sem nós de uma árvore decídua que os kobéua chamam de *uahómo*, têm a sua casca retirada com uma faca. A entrecasca que se assenta logo abaixo é então golpeada

mit einem gekerbten Holzschlägel so lange geklopft, bis er sich in Form eines Ärmels leicht vom Holz abstreifen läßt, worauf er tüchtig gewaschen und mit aller Vorsicht, damit er nicht reißt, in die Breite gezogen wird. Eine eingesteckte gebogene Gerte, über die der Baststoff mit Affenknöchennadel und Curauáfaden genäht wird, gibt ihm die nötige Form und verhindert das Einschnüren, wenn der Maskenkörper nun zum Trocknen aufgehängt wird. Das Bemalen wird mit großer Sorgfalt und peinlicher Sauberkeit ausgeführt. Der Maskenkörper liegt zu diesem Zweck auf einem mit Bananenblättern bedeckten Gitter aus Yupatístäben oder einer Caranáblattmatte. Als Lineale dienen sauber halbierte Miriti- oder Bacábablattstengel. Die gelben Baststreifen des Behangs, der die Beine des Tänzers zum Teil verhüllen soll, werden um einen Sipó geschlungen, der dann mit dem unteren Rande des Maskenkörpers vernäht wird. Dieser gelbe Bast, den die Kobéua *dū* nennen, wird von einem anderen Laubbaum genommen und ebenfalls im ganzen Stück durch Stoßen mit einem Holz von dem Stamm, an dem er sehr fest sitzt, losgelöst. Von dem dicken, langfaserigen Bastteppich lassen

por bastante tempo com um martelo dentado de pau até poder ser puxada e separada facilmente na forma de uma manga, sendo então lavada delicadamente e esticada com muito cuidado para que não se rasgue. Uma vara recurva, sobre a qual o tecido da entrecasca é costurada com uma agulha de osso de macaco e fios de curaná, é inserida para lhe dar a forma necessária e impedir que se contraria quando a máscara for finalmente posta para secar. A pintura é feita com grande cuidado e meticulosa precisão. Para isso, a máscara é colocada sobre uma grade feita de galhos de Yupatí ou sobre uma esteira de folhas de Caraná. Servem de régua os talos das folhas de Miriti ou Bacába cortados ao meio com precisão. Os filetes amarelos da decoração, que devem encobrir uma parte das pernas do dançarino, são amarrados num anel de cipó, que é então costurado na borda inferior da máscara. Essa fibra amarela, que os kobéua chamam *dū*, é retirada de uma outra árvore decídua e é extraída por inteiro da mesma forma, dando-se pauladas no tronco, ao qual adere firmemente. Desse grosso tecido de longas fibras, os filetes podem, então, ser puxados facilmente. As mangas da máscara, feitas de entrecasca de um

sich die einzelnen Streifen leicht abziehen. Die Ärmel aus festem, rotem Bast, der im Kobéua *táro* heißt, werden durch Seitenlöcher des Maskenkörpers gesteckt und dort durch einen Sipóring, über den der Rand des Ärmels genäht ist, festgehalten. Auch der äußere Rand des Ärmels ist über einen Sipóring genäht und mit *dū*-Streifen behängt. Die fertige Maske heißt bei den Kobéua *tákahä*. Der Tänzer sieht durch den porösen Baststoff oder reißt Gucklöcher hinem [sic]. Zum Tanz werden die Maskenkörper mit weißem Entenflaum³ beklebt. Die Tanzstäbe, die ebenfalls am oberen Teil zwei *dū*-Behänge tragen, sind je nach ihrer Bestimmung von verschiedener Länge; die größeren messen bis zu 3 m, die kleineren, aber stärkeren etwa 1½ m. Auch die Länge des Behanges am Maskenkörper soll je nach der Bedeutung der Maske verschieden sein. Die Herstellung der Masken dauert mit Herbeischaffen aller Materials 10 -12 Tage.

Als Kinderspielzeug, damit die künftigen Tänzer die Bedeutung der einzelnen Masken und Maskentänze spielend lernen, gibt es reizende Maskenmodelle aus Maiskolben. Sie sind ebenso hergerichtet und bemalt,

vermelho sólido, que se chama *táro* em kobéua, são inseridas através de aberturas laterais no seu corpo e aí afixadas por meio de um anel de cipó, sobre o qual a borda da manga é costurada. A outra borda, externa, também é costurada em um anel de cipó, e nela são pendurados filetes de *dū*. A máscara pronta é chamada pelos kobéua de *tákahä*. O dançarino pode ver através do tecido poroso da entrecasca ou por meio de buracos que nele rasga. Para a dança, as máscaras são cobertas com uma penugem branca de pato³. Os bastões de dança, que têm igualmente dois adereços de *dū* na parte superior, são de comprimentos diferentes, dependendo de sua finalidade. Os maiores medem até 3m; os menores, no máximo, 1½ m. O comprimento dos pendentos de cada máscara também difere de acordo com o seu significado. A confecção das máscaras dura, após a obtenção de todos os materiais, de 10 a 12 dias.

Há também adoráveis máscaras de brinquedo, feitas de sabugo de milho, com as quais os futuros dançarinos podem aprender, brincando, o significado individual de cada máscara e de cada dança de máscaras. Elas são igu-

wie ihre großen Vorbilder; selber mit *dū*-Behängen geschmückte Tanzstock fehlt nicht. Der kleinen Jaguar­maske sind die „Hände“ vor dem „Gesicht“ zusammengebunden, um dadurch anzudeuten, wie der Tänzer auf dem Bambusrohr bläst, das er mit beiden Händen an den Mund hält (Abb. 103)

Auch bei den Kobéua geben Totenfeste die Veranlassung zu Maskentänzen. Diese beginnen gegen 3 Uhr nachmittags mit derselben dramatischen Introdution wie am Aiary, Die Masken kommen aus dem Wald vom Flusse [sic] her und stürmen die Maloka, was ihnen von anderen Masken ohne Erfolg gewehrt wird. Die Maskentänze dauern bis zum folgenden Morgen. Dann werden die Masken auf dem Dorfplatz auf Stöcken aufgepflanzt, an den Ärmeln mittels des Bastbehangs eng miteinander verknüpft und angezündet. Unter dem lauten Klagegeschrei der ganzen Trauergesellschaft brennt die lange Reihe ab. Nur einige wenige Masken werden zurückbehalten und zu Säcken verarbeitet, in denen Kalabassen und andere Gerätschaften aufbewahrt werden. Daher kommt es, daß man in den Malokas der Kobéua selten intakte Maskenzüge

almente bem-feitas e pintadas, como os seus modelos de verdade; inclusive, não lhes falta o bastão de dança adornado com os pendentos de *dū*. Na pequena máscara de onça, as “mãos” estão amarradas em frente da “face”, a fim de indicar como o dançarino sopra num bambu, que ele segura na boca com ambas as mãos (Fig. 103).

As celebrações fúnebres também dão azo a danças de máscaras entre os cobu. Essas começam por volta das 3 horas da tarde com a mesma introdução dramática que aquelas em Aiary. As máscaras saem da floresta vindas do rio e invadem a maloca, encontrando a inútil resistência de outras máscaras. A dança das máscaras dura até a manhã seguinte. Então, elas são colocadas sobre mastros no centro da aldeia, amarradas firmemente pelas mangas por meio dos adereços de tiras de entrecasca e incendiadas. Em meio à gritaria de lamento de toda a comitiva fúnebre, a longa fila de máscaras é consumida. Apenas algumas restarão e serão transformadas em sacos onde cabaças e outros equipamentos serão guardados. E é por isso que raramente se encontram fantasias com máscaras intactas nas malocas dos kobéua, já que, após cada festa dos mortos, elas precisam

trifft, weil diese zu jedem Totenfest neu hergestellt werden müssen. Auch die Káua des Aiarý banden am Schluß des Tanzfestes alle Masken, die vor dem Haus in einer Reihe auf Stöcken aufgepflanzt waren, an den Ärmeln zusammen. Warum sie dies taten, konnte ich mir damals nicht erklären. Sie hielten den Brauch genau ein, verbrannten aber die Masken nicht, da diese durch Kauf mein Eigentum geworden waren.

Alle Masken stellen Dämonen dar. Die Phantasie des Indianers bevölkert die ganze Natur mit bösen und guten Geistern, die auf Leben und Sterben einen großen Einfluß ausüben. Keine Krankheit, zumal keine innere, deren Wesen der Indianer sich nicht erklären kann, führt er auf natürliche Ursachen zurück, vielmehr schreibt er Krankheit und Tod, wie überhaupt alles Unheil und damit auch den Tod des Stammesgenossen, dem die Maskenfeier gilt, der Rache eines bösen Geistes oder eines mit dämonischer Macht ausgestatteten Feindes zu. Dieses Suchen nach der verkörperten Ursache aller Leiden und Freuden spricht sich auch in den Maskentänzen aus. Hier treten redend und handelnd alle Geister mit ihrem Gefolge von Tieren des Wassers, der Erde und der Luft, die

ser refeitas. Os káua do Aiarý também unem pelas mangas todas as máscaras ao final da dança, que são então colocadas sobre mastros em frente da casa numa fila. Porque fazem isso, não consegui esclarecer. Eles observam cuidadosamente esse ritual, mas não queimam as máscaras, e por isso pude comprá-las para o meu espólio.

Todas as máscaras representam demônios⁴. A imaginação dos índios povoa toda a natureza com espíritos maus e bons, que exercem uma grande influência sobre a vida e a morte. Nenhuma doença, especialmente nenhuma doença interna, cuja natureza o índio não pode explicar, é atribuída a causas naturais; ao contrário, ele atribui doença e morte, bem como todo infortúnio em geral, e, portanto, também a morte do homem da tribo a quem a mascarada é dedicada, à vingança de um espírito maligno ou de um inimigo dotado de poder demoníaco. Essa busca de uma causa incorpórea para toda infelicidade e alegria também encontra uma articulação na dança de máscaras, aonde vêm, falando e agindo, todos os espíritos com sua comitiva de animais das

aber wiederum Dämonen darstellen und die einzelnen Tierklassen repräsentieren, zum Teil mit vorzüglicher Mimik auf.

Der Dämon steckt in der Maske, ist in ihr verkörpert; die Maske ist für den Indianer der Dämon. Wenn ich die Kobéua nach der Bedeutung dieser oder jener Maske fragte, sagten sie stets: „Dies ist der Schmetterling, der Aracúfisch, der *Mákukö*“ usw., und niemals: „Dies ist die Maske des Schmetterlings, des Aracúfisches, des *Mákukö*“ (*tatáloko tákahä, bolíakakö tákahä, mákukö tákahä*). Der Dämon der Maske geht auch auf den jeweiligen Tänzer über, der sich mit ihr bekleidet. Am frühen Morgen nach Ausgang des Totenfestes, wenn die Masken in Flammen aufgegangen sind, verlassen die Dämonen ihren vorübergehenden Aufenthaltsort und begeben sich nach Táku, dem Maskenjenseits, oder in ihre auf einem anderen Gebirge oder in einer Stromschnelle gelegene Wohnung. Hier gehen die Angaben auseinander.

Einige sagten mir: „Alle Dämonen sind Herren auf Táku. Dort ist ihr großes Steinhaus, *tákölāmi* (Basthaus) oder *abóχökölāmi* (Dämonenhaus) genannt, ihre Maloka, die sie

águas, da terra e do ar, que, de sua vez aparecem como demônios e representam as classes individuais de animais, às vezes por meio de uma mímica espetacular.

O demônio enfia-se na máscara e ganha, através dela, um corpo; a máscara é, para o índio, o demônio. Sempre que eu perguntava para os kobéua acerca do significado dessa ou daquela máscara, eles costumavam dizer: “Esta é a borboleta, o peixe aracú, o *Mákukö* etc. e nunca: “Esta é a máscara da borboleta, do peixe aracú, do *Mákukö*” (*tatáloko tákahä, bolíakakö tákahä, mákukö tákahä*). O demônio da máscara incorpora também em todo dançarino que dela se veste. De manhã cedo, na saída da Festa dos Mortos, quando as máscaras desaparecem nas chamas, os demônios abandonam seu lugar temporário de pouso e dirigem-se para *Táku*, o Além das Máscaras, ou a uma outra montanha ou a uma morada localizada em uma queda d’água.

Aqui as informações são conflitantes. Alguns me disseram: “Todos os demônios são Senhores em *Táku*”. Lá, a sua grande casa de pedra é chamada *tákölāmi* (Casa da Árvore⁵)

gemeinschaftlich bewohnen.“ — Später wurde mir erzählt, auf Táku gäbe es eine Menge Steinhäuser; jeder Dämon habe dort sein eigenes Haus. Von meinen Ruderern wurden mir seinerzeit beim Anblick dieses Gebirges unter den aus dem Waldesgrün hervorragenden Felsen ein „*popálikōlami*, *mákukōlāmi*, *kuináopākokōlāmi*“ und andere Dämonenhäuser angegeben. — Andere erzählten, nur *Mákukō* bewohne zusammen mit *Popáli* ein Steinhaus auf Táku.

Die Dämonen sind unsichtbar den gewöhnlichen Sterblichen; nur der Zauberarzt kann sie vermöge seiner übernatürlichen Kraft sehen und mit ihnen sprechen.

Diesen unsichtbaren Teil der Maske nannten mir die Kobéua, um mir sein Wesen möglichst deutlich zu machen, mit dem Lingoa geral-Wort „*maskara-anga*“ (Maskenseele). Wie die menschliche Seele unsichtbar im Körper steckt, ihn belebt und nach dem Tode nach *Mákōlāmi*, dem Jenseits aller Kobéuaseelen, geht, so verläßt auch mit dem „Tode“, d. h. dem Verbrennen der Maske, die unsichtbare Kraft, die ihr während

ou *abóχökōlāmi* (Casa do Demônio), sua maloca, que eles habitam em comunidade”. — Algum tempo depois, relataram-me que em *Táku* haveria uma infinidade de casas de pedra e que cada demônio teria lá a sua própria morada. À época, meus remadores me falaram de um *popálikōlami*, *mákukōlāmi*, *kuináopākokōlāmi*, bem como outras moradas de demônios, ao contemplar as rochas salientes desta serra em meio ao verde exuberante da floresta,. Já outros contaram que apenas *Mákukō* moraria junto com *Popáli* em uma casa de pedra no *Táku*.

Os demônios são invisíveis aos simples mortais, apenas o pajé consegue, devido ao seu poder sobrenatural, ver e falar com eles.

Os kobéua, a fim de tornar o mais inteligível possível a natureza da máscara para mim, chamavam-na *mascara-anga* (Alma da Máscara), uma palavra tomada emprestada da Língua Geral⁶. Assim como a alma humana penetra de maneira invisível no corpo, vivificando-o e, após a morte, parte para o *Mákōlāmi*⁷, o Além para onde todas as almas dos kobéua vão, da mesma forma o poder invisível abandona a máscara, sua

des Festes innewohnte, die sichtbare Hülle und kehrt in ihre eigentliche Wohnung zurück. Diese unsichtbare Kraft ist der Dämon. „Alle Masken sind *abóχökō* (Dämonen); alle *abóχökō* sind Herren der Masken“, sagten die Kobéua.

Die Vorstellung von Táku als dem Mäskén jenseits mag nach Analogie des menschlichen Jenseits entstanden sein.

Das Verbrennen der Maske ist wohl in demselben Glauben begründet, wie das Verbrennen der Hinterlassenschaft des Toten, in der Furcht vor der unerwünschten Rückkehr des Dämons, mit dem man nach dem Totenfest nichts mehr zu tun haben will. Wenn einzelne Masken aufbewahrt oder zu Säcken verarbeitet werden, so müssen wir dies bereits als ein Zeichen des Verfalls ansehen.

Von den Kobéua erwarb ich über 50 verschiedene Masken; ein Beweis, wie stark bevölkert der Indianer sich seine Dämonenwelt vorstellt. Außer menschlich gestalteten Dämonen, Riesen und Zwergen, treten eine Menge Tiere auf, der Jaguar, der Hirsch und das Faultier, verschiedene Arten

casca visível e onde vivera durante a Festa, após sua morte, isto é, após ela ser queimada, e retorna a sua morada. Esse poder invisível é o demônio. “Todas as máscaras são *abóχökō* (demônios); todos *abóχökō* são senhores das máscaras” dizem os kobéua.

A representação de *Táku* como o Além das máscaras pode ter surgido por meio da analogia com o Além humano.

A queima da máscara está possivelmente ancorada na mesma crença que aquela da queima do legado do morto, no medo do indesejado retorno do demônio, com o qual, após a Festa dos Mortos, não se deseja mais ter nenhuma relação. Sempre que algumas máscaras são guardadas ou transformadas em sacos, devemos ver nisso um símbolo para a decomposição do corpo.

Dos kobéua, adquirei mais de 50 máscaras diferentes; evidência de como os índios concebem o mundo dos demônios como densamente populado. Além de demônios de forma humana, de gigantes e anões, aparecem também uma grande quantidade de animais: a onça, o veado, a preguiça, diferentes tipos

Vögel und Fische, die Giftschlange Yaráraça, Frösche und Kröten, die Wasserjungfer, Schmetterlinge, Käfer und andere Insekten, Spinnen, Raupen und Käferlarven.

Auf meine Frage, warum der Tapir, das Taiasúschwein und andere Jagdtiere keine Masken hätten, gab man mir die wenig befriedigende Antwort: „Weil sie kein buntes Fell haben.“

Der dämonische Charakter der Maske drückt sich schon darin aus, daß selbst viele Tiermasken ein menschliches Gesicht und einen aus gelbem Bast gedrehten Zopf haben, der an die frühere Haartracht der Kobéuamänner erinnert, Auch die „Wohnung“ vieler dieser Tiere steht im schärfsten Widerspruch zu ihrer natürlichen Lebensweise.

Die feierlich getragenen, trotz ihrer Eintönigkeit nicht unmelodischen Weisen, die die Maskentänze begleiten, zeichnen sich durch strengen Rhythmus aus, der durch den Tanzschritt und durch Aufstampfen der Tanzstöcke scharf akzentuiert wird. Fast allen Gesängen gemeinsam ist der dumpfauklingende Refrain: „óhó—hó“ oder „hō—hó“. Die Bewegungen

de pássaros e peixes, a cobra venenosa chamada jararaca, sapos e rãs, a libélula, a borboleta, besouros e outros insetos, aranhas, lagartas e larvas de besouros.

Quando perguntei por que a anta, o porco Taiasú e outros animais de caça não tinham máscaras, deram-me esta resposta pouco satisfatória: “porque eles não têm a pele colorida”.

O caráter demoníaco da máscara fica explícito no fato de que muitas máscaras de animais têm uma face humana e um trança torcida de palha amarela, que lembra o antigo penteado dos kobéua. Da mesma forma, a “morada” de muitos desses animais apresenta uma incongruência marcante com o seu modo de vida natural.

As solenes músicas, melódicas, ainda que monótonas, com que os dançarinos mascarados se fazem acompanhar, caracterizam-se por um ritmo rígido que é acentuado pelos passos de dança e o reverberar dos mascarados. Comum a praticamente quase todos os cantos é o refrão final abafado: “óhó—hó” ou “hō—hó”. Os comportamentos e hábitos dos animais são emulados

und Gewohnheiten der Tiere werden mimisch nachgeahmt. Die Texte konnten mir die Indianer selbst nicht mehr deuten. In einigen Tanzliedern scheinen Kobéuaworte und unverständene oder im Laufe der Zeit verderbte Aruakworte nebeneinander vorzukommen. Bisweilen bestehen die Lieder nur aus den Naturlauten des betreffenden Tieres oder dem Namen des Dämons, mit wenigen lakonischen Worten verflochten, in endloser Wiederholung.

Nur die Männer tanzen mit Masken; die Weiber und Kinder bilden die Zuschauer.

Einzelnen Dämonen sind wir schon bei den Maskentänzen der Káua begegnet, so dem schwarzen Aasgeier, dem Jaguar, dem Mistkäfer, der Eule und dem Waldgeist und Jagdkobold Mákukö (Abb. 105), deren Masken und Tänze in beiden Gebieten mehr oder weniger übereinstimmen,

„Alle Herren der Masken sind Dämonen“, sagten die Kobéua, bezeichneten aber einige besonders böse als „Yurupari-retáua“ in der Lingoa geral: „Wirkliche Dämonen“. Zu diesen gehört in erster Linie Mákukö, der die Leute

mimeticamente. Quanto à letra, os próprios índios não mais puderam ma esclarecer. Em algumas canções de dança, aparecem juntas tanto palavras kobéua quanto aruak, já incompreensíveis ou cujo sentido, no correr do tempo, se perdeu. Algumas vezes as canções são formadas apenas pelos sons naturais dos animais evocados ou pelos nomes de demônios, emaranhados com algumas poucas e lacônicas palavras em infinita reiteração.

Apenas os homens dançam com máscara; as mulheres e crianças fazem às vezes de audiência.

Alguns demônios, já havíamos encontrado nas danças de máscaras dos káua, como o urubu negro, a onça, o vira-bosta, a coruja e o espírito da floresta e duende da caça chamado Mákukö (fig. 105), cuja máscara e dança são mais ou menos idênticos em ambos os locais.

“Todos os senhores das máscaras são demônios”, dizem os kobéua, mas assinalam apenas alguns como especialmente malignos, como o *yurupari-retáua* ou “demônio verdadeiro” na Língua Geral. A esse grupo pertence principalmente Má-

mit Blasrohr und Giftpfeilchen totschießt. Er ist ein kleiner Mann mit Vollbart. Sein Maskenanzug wird daher stets kleiner verfertigt als die übrigen und ist für den kleinsten Tänzer bestimmt. *Mäkukö* hat eine Frau, *Mäkuko*, deren Maske sich durch Einzelheiten in der Bemalung von der ihres Mannes unterscheidet.

Auch andere Dämonen sind beweibt. Gefürchtete Gesellen sind das Riesenpaar *Kohäkö* und *Kohäko*, die sich ohne bestimmte Wohnung im Walde herumtreiben und die Menschen mit der Keule totschiagen (Abb. 108). Beim Tanz tragen sie beide in der rechten Hand als charakteristisches Attribut einen dicken Stock, mit dem sie taktmäßig aufstampfen.

An Wildheit und Mordlust gibt ihnen der Riese *Hailäkö* nichts nach. Er tötet Leute im Wald, indem er mit jeder Hand einen Baumstamm faßt und auf sie wirft. Auf dem Gebirge *Uahókapolaköláku*, etwas oberhalb *Mäkölámi* auf demselben Caiarýufer hat er sein Steinhaus. Beim Tanz trägt er in jeder Hand einen Knüttel.

kukö, que costuma matar as pessoas com uma zarabatana ou com flechas envenenadas. Trata-se de um homenzinho barbudo. Sua máscara, portanto, é quase sempre confeccionada em tamanho menor que as outras e destinada aos dançarinos mais baixos. *Mákukö* tem uma esposa, *Mákuko*⁸, cuja máscara distingue-se daquela de seu marido por meio de detalhes pictóricos.

Outros demônios também são representados. Temerosíssimos companheiros são o casal de gigantes *Kohäkö* e *Kohäko*, que vagam pela floresta sem ter uma moradia fixa e que matam os homens a golpes de clava (Fig. 108). Durante a dança, ambos portam seu atributo característico na mão direita, um grosso porrete, com o qual percutem ritmicamente.

Em termos de selvageria e de sede de sangue, o gigante *Hailäkö* não fica atrás desses dois últimos. Ele mata as pessoas na floresta com um tronco de árvore que carrega em cada mão e com que ele costuma golpear. Sua casa é na montanha *Uahókapolaköláku*, um pouco acima de *Mäkölámi*, na mesma margem do rio Caiarý. Na dança, ele porta uma clava em cada uma das mãos.

Andere nicht minder gefürchtete Riesen, die sämtlich im Walde den Leuten mit Knütteln zu Leibe gehen sind *Hokoabóχökö*⁹ (Baumdämon), *Uáluliabóχökö*, *Uälíkö*, *Auaúakö*, *Hauúhábó* und *Palúχikö*. Der Tänzer des *Uälíkö* wirbelt mit beiden Händen einen Stock in der Luft, wie wir es in Matapý bei dem angeblichen Tanz de *Kohákö* gesehen haben. *Hauúhábó* hält sich in der Nähe von Flüssen auf und ruft früh morgen „gü-gü-gü“. Bei Namocolíba sollte ein solcher Dämon wohnen, was nicht unmöglich war, denn *hauúhábó* bezeichnet im Kobéua die „große Eule“. Die Maske des *Palúχikö* zeichnet sie durch das unförmige Gesicht aus, das aus einer riesigen Kalabasse hergestellt ist. Ein langer Bastzopf fällt bis auf die Erde herab.

Auch *Iyüimi*, der schlimmste Dämon der Káua, wird durch eine eigenartige Maske dargestellt: Ein ganzes Stück Bast ist am unteren Teil so auseinandergeschnitten und wieder zusammengenäht, daß Hosenbeine entstanden sind. Der obere Teil der Basthülle hat zu beiden Seiten Löcher für die Arme des Tänzers und wird am Hals zugebunden. Eine andere Basthülle, die mit einem menschlichen Gesicht bemalt und mit runden, schwarzumrandeten Augenlöchern

Outros gigantes, não menos temíveis, que atacam as pessoas na mata com porretes, são os *Hokoabóχökö*⁹ (Demônio das Árvores), *Uáluliabóχökö*, *Uälíkö*, *Auaúakö*, *Hauúhábó* e *Palúχikö*. Os dançarinos *Uälíkö* agitam um porrete no ar com ambas as mãos, como vimos na mencionada dança dos *kohákö* em Matapý. *Hauúhábó* detém-se na proximidade dos rios e, de manhã cedo, grita: “gü-gü-gü”. Um tal demônio supostamente viveria em Namocolíba, o que não é improvável, já que em kobéua *hauúhábó* significa “coruja grande”. A máscara de *Palúχikö* distingue-se pelo rosto deformado, que é representado por uma cabaça gigantesca. Uma longa trança de fibras cai até o chão.

Iyüimi, o pior demônio entre os káua, também é representado por uma máscara muito peculiar: um pedaço inteiro de entrecasca tem seu fundo cortado ao meio e costurado de novo, de modo a formar as calças. A sua parte superior tem buracos em ambos os lados para os braços do dançarino e é fechada no pescoço. Uma outra peça da entrecasca, que é pintada na forma do rosto de um homem e equipada com buracos redondos e de borda negra

versehen ist, stülpt der Tänzer über den Kopf und Hals. Auf dem Scheitel ist eine Kalabassenscherbe festgenäht. (Abb. 106 e 107).

Diese Maske, die, mit bunten Horizontalstreifen bemalt, einem Badeanzug ähnelt, braucht ihre Entstehung nicht europäischem Einfluss zu verdanken, da Hosenmasken auch bei den gänzlich unberührten Stämmen des Xingúquell-gebietes gefunden worden sind¹⁰.

Ich gebe im folgenden Textproben von Gesängen einzelner Dämonen nach den am Aiarý und Caiarý-Uaupés gebräuchlichen Versionen. Der Gesang des *Mákukö* lautet bei den Káua:

„kénakuká kenaré (duas vezes)
kó – kó – kó – kó
híye köbé kó tiauló (duas vezes)
topítalauá pö kó tiauló“ usw.

Es sei ein Kobéuagesang, sagte man mir und gab mir folgende, offenbar sehr freie Übersetzung: „Es ist keine Farinha mehr da; es ist kein Beijú mehr da (köbá[uö]); wir haben nichts mehr zu essen; der Beijú ist trocken (aúro hahaú)“ usw.

para os olhos, é colocada pelo dançarino sobre a cabeça e o pescoço. No topo da cabeça é fixada uma cabaça (Fig. 106 e 107).

Essa máscara, que é pintada com listras horizontais e que se assemelha a um maiô de banho, não deve sua origem a nenhuma influência europeia, já que fantasias com calças também podem ser encontradas entre tribos não contatadas da região do vale do Xingú¹⁰.

No que se segue, dou alguns exemplos textuais dos cantos de alguns demônios específicos de acordo com as versões correntes em Aiarý e Caiarý-Uaupés.

O canto de *Mákukö* entre os káua soa assim:

“kénakuká kenaré (duas vezes)
kó – kó – kó – kó
híye köbé kó tiauló (duas vezes)
topítalauá pö kó tiauló” etc.

Disseram-me que essa era uma canção kobéua, fornecendo-me uma tradução bem livre da mesma: “Não tem mais farinha; não tem mais beijú (köbá[uö]); não temos mais o que comer; o beijú está seco (aúro hahaú) etc.

Bei den Kobéua am Cuduiarý singt *Mákukö*:

„kaulí yanamaká lia kakauí yulá
(três vezes)
dyó – dyó – dyó– dyó– dyó–
dyó– dyó“ usw.

Gesang des *Kohäkö*:

Kobéua: “kohäká kohäli (duas
vezes)
kohámaneli uaimanina kúdyá
hó — hó — hó — hó” usw.

Der Gesang des *Hailäkö* zeichnet sich [sic] durch lebhaftes Tempo aus:

Kobéua: „hailá hailá uadyakú
hailá (duas vezes)
ó — hó — — — .“ usw.
Káua: „haildé haidé karátiá
haidé (duas vezes)
karátiá haidé karátiá haidé
óhó — hó óhó — hó.“ usw.

So harmlos manche der in den Masken dargestellten Tiere im gewöhnlichen Leben sind, so unheilbringend ist der Dämon, der sich in ihnen verkörpert.

Der große azurblaue Morpho-Schmetterling *Tatáloko*, der mit seiner leuchtenden Farbenpracht das Auge entzückt und wie ein

Entre os kobéua de Cuduiarý, o *Mákukö* canta:

kaulí yanamaká lia kakauí yulá
(três vezes)
dyó – dyó – dyó– dyó– dyó–
dyó– dyó etc.

O Canto do *Kohäkö*:

Kobéua: “kohäká kohäli (duas
vezes)
kohámaneli uaimanina kúdyá
hó — hó — hó — hó” etc.

O Canto do *Hailäkö* se caracteriza por um tempo vivaz:

Kobéua: “hailá hailá uadyakú
hailá (duas vezes)
ó — hó — — — .” etc.
Káua: “haidé haidé karátiá
haidé (duas vezes)
karátiá haidé karátiá haidé
óhó — hó óhó — hó.” etc.

Quanto mais inofensivo na vida cotidiana são os animais representados na máscaras, tanto mais nocivo é o Demônio que por meio delas adquire um corpo.

A grande borboleta azul brilhante da família *Morpho*, *Tatáloko*, que, com o luxuriante brilho de suas cores, encanta os olhos e assemel-

herabgekommenes Stückchen Himmel anmutet, ist einer der gefährlichsten Dämonen. Wir sind ihm auch unter dem Aruaknamen *makálu* als „Herrnaller Maskentänze“ bei den Káua begegnet. Er hat seinen Sitz in der Yuruparý-Cachoeira des Caiarý, wo er in einem großen Topf, wie ihn die Weiber zum Kaschiribereiten gebrauchen, die Malaria (*äöbökö*) braut, so daß alle, die von dem Wasser trinken, krank werden. Bekanntlich tritt an dem sonst so gesunden Fluß oberhalb dieses Kataraktes, wohl infolge des dort ganz anderen, weißen, fast stagnierenden Wassers, Malaria auf.

Die Maske des Schmetterlings ist durch die aus Flechtwerk hergestellten, mit bunten Mustern bemalten Flügel, die zu beiden Seiten des Kopfes angenäht sind, und dem aus Sipó gebogenen Rüssel wohl charakterisiert. Als Grundform des Kopfes dient ein Korbgeflecht¹¹. Die Zackenzeichnung auf der Brust des Maskenkörpers soll das Flattern des Schmetterlings andeuten.

Der Tänzer hält in der einen Hand das Attribut der unheilvollen Tätigkeit seines Dämons, die Trinkkalabasse, wider die er im

ha-se a um pedacinho caído do céu, é um dos mais perigosos demônios. Nós o encontramos também com o nome Aruak *makálu*, “Senhor de Todas as Danças de Máscaras”. Ele tem sua morada na cachoeira Yuruparý do Caiarý onde, num grande pote, como o que as mulheres usam para preparam o Kaschirí, ele prepara a malária (*äöbökö*), e, assim, todos os que bebem daquela água ficam doentes. É sabido que nesse rio, normalmente tão limpo na parte superior das cataratas, há um foco de malária, muito provavelmente por causa das águas completamente diferentes dali, esbranquiçadas, praticamente estagnadas.

A máscara da borboleta é feita de palha, com asas pintadas com padrões coloridos que são costuradas em ambos os lados da cabeça e com probóscidas bem caracterizadas, feitas de cipó enrolado. Um cesto de palha faz às vezes da forma básica da cabeça¹¹. Os padrões serrihados no peito do portador da máscara servem para dar a impressão do bater de asas da borboleta.

O dançarino segura em uma mão o atributo da atividade de seu demônio, a cabaça de beber, que ele golpeia ritmicamente com um bastão.

Takt mit einem Stäbchen schlägt (Abb. 109). In der Regel treten zwei Schmetterlinge zusammen auf, die in dieser Weise unter Gesang bald in weitausgreifendem Geschwindschritt, bald langsamer hintereinander her tanzen und endlich dicht zusammen, einander zugewendet, am Boden niederhocken und vor- und rückwärts kriechen (Abb. 109 b). Es soll das gaukelnde Spiel der Schmetterlinge in der Luft dargestellt und veranschaulicht werden, wie sie in dichten Haufen im Sonnenschein auf den Sandbänken oder den Felsen der Cachoeiras sitzen. Tanz und Gesang schließen unter raschem Klappern wider die Kalabassen und mit ausklingendem „é --- hé ---“ der Tänzer.

Der Schmetterlingsgesang hat eine Menge Strophen und lautet am Aiarý, wo ich den Tanz am besten beobachtete:

1. „Nakúliaué nakúliaué (zweimal)
óhó — hó óhó — óhó.“

2. „kenakaké naúludyá (zweimal)
uiluliapéli yakalé uá
yakalé ué yakalé uá
óhó — hó óhó — óhó.“

3. „kenakáke naí ludyá (viermal)
kenakí ludyá pelí yakalé ué
pelí yakalé uá

Normalmente, duas borboletas aparecem juntas. Dessa forma, cantando, dançam uma após a outra, às vezes em ritmo rápido, às vezes mais lento, e finalmente se agacham no chão, próximas e de frente uma para a outra, rastejando para frente e para trás. O objetivo é representar e trazer à imaginação o tremeluzente jogo das borboletas no ar e como elas, em espessos panapanãs, à luz do sol, nos bancos de areias, ou nas pedras das cachoeiras se assentam. A dança e o canto terminam com estrídulos golpes contra as cabaças e com o fechamento “é --- hé ---” dos dançarinos.

O canto da borboleta tem uma série de estrofes e soa, em Aiarý, onde eu melhor pude assistir a dança, assim:

1. Nakúliaué nakúliaué (duas vezes)
óhó — hó óhó — óhó.”

2. “kenakaké naúludyá (duas vezes)
uiluliapéli yakalé uá
yakalé ué yakalé uá
óhó — hó óhó — óhó.”

3. “kenakáke naí ludyá (quatro vezes)
kenakí ludyá pelí yakalé ué

óhó — hó óhó — óhó.“

4.” límanú manúdyauelú (dreimal)
manúdyá péli yakalé ué
péli yakalé uá
óhó — hó óhó — óhó.“

5. „áno kapúnaí dáli kadyó dáli
kadyó
óhó — hó óhó — óhó.“ (zweimal)

6. „muhá dauiyá
muhá daiadí daiadí
mákalú kapú nauí
dáli kadyó
óhó — hó óhó — óhó.“

7. „áno kapú nauí
mumi hó kiteã popetá (zweimal)
dáli kadyó dáli kadyó
óhó — hó óhó — óhó.“

8. „áno kapú nauí áno kapú nauí
nómi pákalokó nómi pákalokó
dáludiyó daludiyó
óhó — hó óhó — óhó.“

**Gesang der Schmetterlinge beim
Hocken:**

9. „nenekané neúludiá (duas vezes)
pakoró kópai kuliã ré
nenkulehí daúpudió
daúpudió daúpudió
óhó — hó óhó — óhó.“

10. „nenekané neúludiá (zweimal)
nenéuludiá péli yakalé uá
óhó — hó óhó — óhó.“¹²

péli yakalé uá
óhó — hó óhó — óhó.”

4.”límanú manúdyauelú (três vezes)
manúdyá péli yakalé ué
péli yakalé uá
óhó — hó óhó — óhó.”

5. “áno kapúnaí dáli kadyó dáli
kadyó
óhó — hó óhó — óhó.” (duas
vezes)

6. “muhá dauiyá
muhá daiadí daiadí
mákalú kapú nauí
dáli kadyó
óhó — hó óhó — óhó.”

7. “áno kapú nauí
mumi hó kiteã popetá (duas vezes)
dáli kadyó dáli kadyó
óhó — hó óhó — óhó.”

8. “áno kapú nauí áno kapú nauí
nómi pákalokó nómi pákalokó
dáludiyó daludiyó
óhó — hó óhó — óhó.”

Canto das borboletas acorodadas:

9. “nenekané neúludiá (duas vezes)
pakoró kópai kuliã ré
nenkulehí daúpudió
daúpudió daúpudió
óhó — hó óhó — óhó.”

10. “nenekané neúludiá (duas vezes)
nenéuludiá péli yakalé uá
óhó — hó óhó — óhó.”¹²

Am Cuduiarý singen die Em Cuduiarý as borboletas cantam:
Schmetterlinge:

”känadyauí kändadyauí
kändadyauí kändadyauí
kápi kali manudyapáli yakaláua
yakaláua yakaláu
hō — hō —“ usw.

“kändadyauí kändadyauí
kändadyauí kändadyauí
kápi kali manudyapáli yakaláua
yakaláua yakaláu
hō — hō —” etc.

Ein anderer gefürchteter Dämon ist eine kleine Blattwanze, *Budyaínöbo*, die in den Pflanzungen der Indianer wohnt. Sie stößt gerösteten Pfeffer in einem kleinen Mörser aus Ambaúvholz und streut den feinen Staub in die Luft, so daß er den Leuten, die in der Pflanzung arbeiten, in die Augen liegt und sie triefäugig macht. Am Aiarý bin ich diesem Dämon, der eine ganz menschliche Maske hat, nicht begegnet. Bei den Kobéua lautet sein Gesang:

„kuitú kuitú kuitú
kuitúlia kuitú (viermal)
ó — hō“ usw.

Um outro temido demônio é um pequeno percevejo-das-folhas, *Budyaínöbo*, que vive nas plantações dos índios. Ele mói pimenta seca num pequeno almofariz feito de madeira de Ambaú e espalha o fino pó ao vento, para que entre nos olhos das pessoas que trabalham na plantação e faça com que fiquem vermelhos e lacrimejantes. Em Aiarý eu não encontrei esse demônio, que tem uma máscara completamente humana. Entre os Kobéua seu canto é assim:

“kuitú kuitú kuitú
kuitúlia kuitú (quatro vezes)
ó — hō” etc.

Die auch in Wirklichkeit mit Recht gefürchtete, sehr giftige Vogelspinne¹³, *Máka*, gehört zu den schlimmsten Vertretern der Dämonenwelt. Sie sammelt „Krankheitsgift“, das „im Eingang des Hauses am Boden liegt“ in fünf Blattütchen, die sie nebeneinander an einen Faden bindet und dann im

A aranha macaco¹³, *Máka*, uma tarântula extremamente venenosa, pertence a um dos grupos mais malignos do mundo dos demônios, e é temida com razão. Ela recolhe “veneno de doença”, que “fica no chão da entrada das casas”, em cinco saquinhos de folhas, os quais ela une lado a lado com um cordão. Ela então os saco-

Wald über den Köpfen der Leute ausschüttelt, so daß das Gift auf sie fällt und sie krank macht. Beim Tanz hält sie die Schnur mit den verhängnisvollen Bündelchen mit beiden Händen vor sich und drückt sie jedesmal nach einigen Schritten im Takt wider den Leib, wobei sie den Oberkörper rasch vorwärts beugt und mit dem rechten Fuß aufstampft (Abb. 110 a). So schreitet sie und rückwärts unter dem Gesang¹⁴:

„lainadyuká launadyulê (dreimal)
hó — — —“

Uálali abóχökö tötet zwar keine Menschen, aber alle Fische. Er hat sein Steinhaus im oberen Carurú-Igarapé, in dem Katarakt Māruá. „Uálali“ bezeichnet im Kobéua den Carará (*Colymbus ludovicianus*), einen Tauchervogel, der nur von Tischen lebt und sich durch große Gefräßigkeit auszeichnet.

Púpuli, die Eule, die von den Káua *Murukutútu* oder mit Kobéua-Endung *Murukutúkö* genant wird, lebt ohne bestimmte Wohnung auf Bergen und fraß in alter Zeit Menschen. Sie gilt noch heute als ein böser Dämon. Den Tanz kennen wir vom Aiarý. Der Gesangestext bezieht sich auf die Weiber (*nomúua*), die in der

de sobre as cabeças das pessoas na floresta, de modo que o veneno caia sobre elas e as faça ficar doentes. Durante a dança, ela segura o cordão com os nefastos saquinhos na sua frente com ambas as mãos e os pressiona contra o corpo sempre depois de alguns passos ritmados, enquanto curva-se rapidamente para frente e com o pé direito bate no chão. Assim ela vai para frente e para trás em meio ao canto¹⁴:

“lainadyuká launadyulê (três vezes)
hó — — —”

Uálali abóχökö certamente não mata seres humanos, mas todos os peixes. Ele tem uma casa de pedra no alto de Carurú-Igarapé, na catarata de Māruá. Em kobéua, “Uálali” denomina o Carará (*Colymbus ludovicianus*)¹⁵, um tipo de mergulhão que vive apenas de peixes e que se distingue pela sua glutoneria.

Púpuli, a coruja, que é conhecida pelos káua como *Murukutútu*¹⁶ ou, com a terminação da língua kobéua, *Murukutúkö*, vive sem uma morada fixa, voando sobre as montanhas, e, no passado, devorara homens. Ainda hoje ela é vista como um demônio maligno. Conhecemos a sua dança entre os Aiarý. O texto da canção

Pflanzung (*hióba*) arbeiten, und lautet bei den Kobéua:

„uaímăláua uaímăláua murukutú
(zweimal)
uainí nomíalä nomálo híobätú
(zweimal)
amäkoloíka uáúädú
hó — — hó“

Yauí, der Jaguar, ist ebenfalls Gebirgsbewohner und ein sehr böser Dämon. Er fängt Tiere und Menschen mit Krallen und Zähnen und frißt sie. Der Tanz unterschied sich von dem am Aiarý gesehenen nur dadurch, daß der Tänzer auf einem einfachen Bambusrohr blies, ohne dabei einen Topf als Resonanzboden zu gebrauchen. Der Gesang war ganz anders:

„uapulá kava puláli (zweimal)
uapuláli maníkava pulalí yá
ho — — —“ usw.

Míaii, ein großer Raubvogel, ist ein böser Walddämon. Er tötet Tiere und Menschen. Am Cuduiarý lautet sein Gesang:

„yakalá kuliná lí — i — yá
(zweimal)
linauádyá linauádyá yakalá kүүлá
ó — hó — — —“ usw.

se refere às mulheres (*nomíua*) que trabalham na plantação (*hióba*), e soa, entre os kobéua:

“uaímăláua uaímăláua murukutú
(duas vezes)
uainí nomíalä nomálo híobätú
(duas vezes)
amäkoloíka uáúädú
hó — — hó”

Yauí, a onça, também é um morador das montanhas bem como um demônio muito maligno. Ele caça os homens com unhas e dentes e os come. A dança difere daquela vista em Aiarý apenas pelo fato de que os dançarinos assopravam num simples caniço, sem usar um pote como câmara de ressonância. O canto era completamente diferente:

“uapulá kava puláli (duas vezes)
uapuláli maníkava pulalí yá
ho — — —” etc.

Míaii, uma grande ave de rapina, é um terrível demônio da floresta. Ele mata feras e homens. Em Cuduiarý o seu canto soa assim:

“yakalá kuliná lí — i — yá (duas vezes)
linauádyá linauádyá yakalá kүүлá
ó — hó — — —” etc.

Ālá, die Yararáschlange, ist ohne weiteres auch als Dämon sehr gefährlich. Auch *Kölapilābō*, ein kleiner Raubvogel, der in Pflanzungen wohnt, ist „nichts wert“. Die Textworte seines Gesanges bei den Kobéua enthalten Bestandteile seines Namens:

„uapilalí uapilalí uapilalí
uapilalí uapilalí liuady ku pilá
ó — hō — hō — hō“

Neben diesen bösen Dämonen, die auf jede Weise Tieren und Menschen nach dem Leben trachten, gibt es eine große Anzahl Tierdämonen, die gut oder wenigstens harmlos sind.

Yamáko, der Hirsch, ist ein guter Zauberarzt, der im Gebirge lebt. Er tritt in menschlicher Maske auf und hält in jeder Hand einen Tanzstock, mit dem er im Takte aufstampft (Abb. 110c), wobei er singt:

„liaká liaká pālúlí (dreimal)
hō — — —“

Kulíka, der Papagei, wohnt im See *Uäkóhābō* am linken Caiarýufer, etwas unterhalb der Mündung des Carurú-Igarape. Er tanzt ebenfalls in menschlicher Maske, stampft

Ālá, a cobra jararaca, é, sem mais, um demônio muito perigoso. *Kölapilābō*, uma pequena ave de rapina que vive nas plantações, também não vale nada. Entre os kobéua, as palavras do texto da sua canção incorpora partes de seu nome:

“uapilalí uapilalí uapilalí
uapilalí uapilalí liuady ku pilá
ó — hō — hō — hō”

Além desses demônios malignos, que tiram a vida de bestas e homens das mais variadas formas, há uma boa parcela de demônios animais que são bons ou, ao menos, inofensivos.

Yamáko, o veado, é um feiticeiro benéfico, que vive nas montanhas. Ele aparece numa máscara humana e traz em cada uma das mãos um bastão de dança, que bate ao ritmo da música, enquanto canta:

“liaká liaká pālúlí (três vezes)
hō — — —” etc.

Kulíka, o papagaio, mora no lago *Uäkóhābō* na margem esquerda do Caiarý, nalgum lugar da parte inferior da foz do Carurú-Igarapé. Ele também dança com uma máscara

mit einem Stock in der Rechten den Boden und singt dazu:

„tākali uó lia a kauó
tākali uá lia a kauó
kauó akauá tākali akauá
kápi kadyu maliná kulí i ya tāká
tāká
ö — — hó — —“

Böböbo, die Hausspinne, wohnt im See *Böböbo* des Caiarý unterhalb der Mündung des Carurú-Igarape. Beim Tanz bindet sie eine Schnur, an der ein mit einer Feder verzierter Sipóring hängt, mit dem einen Ende an einen Hauspfosten. Das andere Ende hält sie in der Hand und schlingt den Faden, immer weiter greifend, allmählich um die Hand, wie eine Spinne den gesponnenen Faden wieder an sich zieht.

Kölatómoli, der Mistkäfer, ist zwar ein guter Dämon, wehrt aber beim Tanzfest den anderen Masken den Eintritt in die Maloka, indem er im Bunde mit einem anderen *Kölatómoli* die Zugänge mit gekreuzten Stöcken verteidigt. Er wohnt in der Bucht *Kölatomóbö* am Caiarý, etwas oberhalb der Mündung des Carurú-Igarape. Sein Tanz ist derselbe wie am Aiarý. Der Text des Gesanges lautet:

humana e bate o chão no seu lado direito com um porrete, cantando:

“tākali uó lia a kauó
tākali uá lia a kauó
kauó akauá tākali akauá
kápi kadyu maliná kulí i ya tāká
tāká
ö — — hó — —.”

Böböbo, a aranha comum, mora no lago *Böböbo* de Caiarý na parte de baixo da foz do Carurú-Igarapé. Ao dançar, ela amarra um cordão, do qual pendura um anel de cipó decorado com uma pena, a uma das vigas da casa. A outra ela segura na mão e enrola no cordão, em voltas cada vez mais amplas, na mão, como uma aranha que enrola o fio que teceu puxando-o de encontro a si.

Kölatómoli, o vira-bosta, é de fato um demônio benigno, mas, durante a dança, bloqueia a entrada das outras máscaras na maloca, pois junto com outro *Kölatómoli*, defendem seu acesso cruzando seus bastões à frente da porta. Ele mora na baía *Kölatomóbö* no Caiarý, um pouco acima da parte superior da foz do Carurú-Igarapé. Sua dança é idêntica àquela entre os Aiarý. O texto do canto diz:

Káua: „píla kálíku píla kálíku píla kálíku – ú (endlos wiederholt) kálílu kálílu yákalé uá.“ usw.

Kobéua: „uálú uálú kamauálú (zweimal) lúdyka kamauálú nakú lí – iya – hó hí – – –.“

káua: “píla kálíku píla kálíku píla kálíku – ú (repetido várias vezes) kálílu kálílu yákalé uá.” etc.

kobéua: “uálú uálú kamauálú (duas vezes) lúdyka kamauálú nakú lí – iya – hó hí – – –.”

Kauálämi, der schwarze Aasgeier Urubú, wohnt auf hohen Bäumen. Sein nächster Verwandter *Kauábolö*, der seltene Urubutinga, wohnt im Himmel. Den Tanz des *Kauálämi*, eine vortreffliche mimische Nachahmung der Bewegungen dieses nützlichen Vogels, sahen wir am Aiarý und bei den Desána-Uanána von Matapý. Die Maske ist verschieden. Während am Aiarý der Tanz in Ermangelung einer wirklichen Urubümaske mit einer beliebigen anderen Vogelmaske aufgeführt wurde, benutzte man in Matapý eine Maske mit menschlichem Gesicht, an der nur die von den Ärmeln herabhängenden Bastlappen, die „Flügel“ den „Urubú“ kennzeichneten. Eine naturalistische Urubümaske erhielt ich in Surubiróca. Der zur Seite geneigte Vogelkopf gibt die charakteristische Haltung des Aasgeiers wieder.

Bolíkakö, der Aracúfisch, wohnt in einem „Fischhaus“. Seine Maske, die in beiden Gebieten vollständig

Kauálämi, o abutre negro Urubú¹⁷ mora em altas árvores. Seu parente mais próximo, *Kauábolö*, o solitário Urubutinga¹⁸, mora no céu. Vimos a dança do *Kauálämi*, uma imitação espetacular dos movimentos dessas aves tão úteis, em Aiarý e entre os Desána-Uanána de Matapý. As máscaras diferem. Ao passo que no Aiarý, na falta de uma verdadeira máscara de urubú, a dança é executada utilizando-se uma de uma outra ave qualquer, em Matapý se faz uso de uma máscara com feições humanas, na qual apenas as tiras de entrecasca que pendem das mangas identificam o “Urubú”. Uma máscara naturalística do Urubu, obtive em Surubiróca. A cabeça do pássaro, inclinada para um lado, reflete a postura característico do abutre.

Bolíkakö, o peixe Aracú, mora numa “casa de peixe”. Sua máscara, que é em tudo a mesma em am-

gleich ist, trägt auf dem Kopf einen aus Streifen eines Palmblattstengels geflochtenen und mit Baststoff überzogenen Aufsatz, der in der äußeren Form einer Sanduhr¹⁹ ähnelt. Beim Tanz treten die Aracúfische stets paarweise auf. Sie schreiten Hand in Hand nebeneinander hin und her und halten in der anderen Hand einen langen Tanz vertikal vor sich, wobei sie singen:

„uamandyá uamandyê (zweimal)
uamandyá kauá uamandyáli
kululú alé“, usw.²⁰

Die Masken des *Máúayo*, rotmäuligen Aracúfisches, und des *Áuali*, kleinen Aracúfisches, unterscheiden sich von der des *Bolíkakö* nur durch Einzelheiten in der Bemalung. Die Tänze sind dieselben. *Máúayo* wohnt in einem „Fischhaus“ an der Inambú-Insel des Caiarý oberhalb Yuruparý-Cachoeira. Am Cudaiarý hörte ich folgenden Gesang des *Áuali*:

„känapíka láuadyú láuadyú
(zweimal)
láuamáni láuamáni láuadyú kulá
ó — hõ — hõ.“

Auch der Tanz der *Umánahokö*, Wasserjungfer, wird von zwei

bas as áreas, traz em sua cabeça um acessório tecido a partir de tiras de uma haste de folha de palmeira e coberto com entrecasca, que se assemelha a uma ampulheta¹⁹. Os peixes Aracú entram na dança sempre em pares. Os passos de dança são feitos de mãos dadas. Na outra mão, carregam, verticalmente e à sua frente, um bastão, enquanto cantam:

“uamandyá uamandyê (duas vezes)
uamandyá kauá uamandyáli
kululú alé”, etc.²⁰

As máscaras do *Máúayo*, peixes aracú de mandíbulas vermelhas, e do *Áuali*, menores em tamanho, diferenciam-se das do *Bolíkakö* apenas em alguns detalhes da pintura. As danças são as mesmas. *Máúayo* moram numa “casa-de-peixe” na ilha de Inambú, no Caiarý, na parte superior da cachoeira Yuruparý. Em Cuduiarý, ouvi o seguinte canto dos *Áuali*:

“känapíka láuadyú láuadyú (duas vezes)
láuamáni láuamáni láuadyú kulá
ó — hõ — hõ.”

A dança da *Umánahokö*, a libélula, também é executada com duas má-

Masken ausgeführt. Sie halten, einander zugewendet, mit beiden Händen einen Stock horizontal zwischen sich und schreiten rasch vor- und rückwärts, so daß es aussieht, als wenn sie sich gegenseitig hin und her zögen. Der Gesang, dessen flotter Rhythmus den graziösen Flug des munteren Insekts trefflich charakterisiert, lautet bei den Kobéua:

„kâna kualí kualí (zweimal)
kâna kuamânika
kâna kualí (zweimal)
hõ – hõ.“

Am Aiarý wurde mir derselbe Tanz als „Tanz der *Yakiranambóya*, des großen Laternenträgers²¹, angegeben, eines in Wirklichkeit harmlosen Insekts, das die Indianer für das giftigste aller Wesen halten. Der Text des Gesanges war in der Káua-Maloka der Yuruparý-Cachoeira folgender:

„kaladyúã kaladyúã kaladyúã lé
(zweimal)
kaladyúã maníka lí uualé
kaladyúã kã kaladyúã lé
kaladyúã maníka lí uualé“

„uítši uítši nukalálã (zweimal)
uítši lálíma nikaliáuanakú“ usw.

scaras. Com ambas as mãos, e viradas uma para a outra, elas seguram horizontalmente um bastão entre si e dão passadas rápidas para frente e para trás, como se avançassem em direções contrárias, e de um lado para o outro. O canto, cujo ritmo vivaz caracteriza o gracioso voo desse jovial inseto, soa assim entre os kobéua:

“kâna kualí kualí (duas vezes)
kâna kuamânika
kâna kualí (duas vezes)
hõ – hõ.”

Em Aiarý a mesma dança me foi apresentada como a “Dança do *Yakiranambóya*”, o grande vaga-lume²¹, que os índios acreditam ser o mais venenoso de todos os seres. O texto do canto, na maloca dos Kauá da cacahoeira de Yuruparý, era o seguinte:

“kaladyúã kaladyúã kaladyúã lé
(duas vezes)
kaladyúã maníka lí uualé
kaladyúã kã kaladyúã lé
kaladyúã maníka lí uualé”

“uítši uítši nukalálã (duas vezes)
uítši lálíma nikaliáuanakú” etc.

In der letzten Káua-Maloka am Aiarý sangen die Tänzer:

„tílulu tílulu minalí kā (zweimal)
tílulu mánika ya lé“, usw. in
endloser Wiederholung.

Pākápiokō, eine Käferlarve, die unter der Rinde der Bäume lebt, hat eine menschliche Maske, der aber merkwürdigerweise Mund und Augen fehlen. Nur Brauen und Nase sind, wie bei den meisten Masken, in einem Zug aufgemalt. Zwei Masken tanzen Hand in Hand auf und ab und halten in der anderen Hand einen brennenden Span²² wagerecht empor (Abb. 110 b). Am Cuduiary singen sie:

„uaulá uaulá uaulá
uaulá uaulá
mádyanauapikú uaulá
mádyanauapikú makaúaulá
uaulá uaulá uaulá
áo – áo – áo – áo.“

Ū, das Faultier, steht stumpfsinnig inmitten der Maloka und hält mit einer langen Hakenstange einen Querbalken des Hauses fest. Es soll veranschaulicht werden, wie dieses trügste aller Geschöpfe mit seinen gewaltigen Sichelkrallen, ohne seine Stellung zu verändern, an dem Ast eines Baumes hängt. Augen, Ohren

Na última maloca kauá do Aiarý, os dançarinos cantam:

“tílulu tílulu minalí kā (duas vezes)
tílulu mánika ya lé”, etc. repetido *ad infinitum*.

Pākápiokō, uma larva de besouro que vive na casca das árvores, tem uma máscara humana, mas, surpreendentemente, faltam-lhe boca e olhos. Há apenas sobrancelhas e nariz, como na maioria das máscaras, pintados num único movimento. Duas máscaras dançam abaixando-se e erguendo-se enquanto na outra mão erguem um arco²² em chamas (Fig. 110b). Em Cuduiary elas cantam:

“uaulá uaulá uaulá
uaulá uaulá
mádyanauapikú uaulá
mádyanauapikú makaúaulá
uaulá uaulá uaulá
áo – áo – áo – áo.”

Ū, o bicho preguiça, permanece estuporado no meio da maloca e mantém firme, com um longo mastro em forma de gancho uma das vigas da casa. Isso serve para simbolizar como ele carrega toda a criação com a suas garras em forma de foice, sem mudar sua posição, no galho de uma árvore. Os olhos, as orelhas e a

und Maul sind bei dem Tier in Wirklichkeit so klein, daß sie an dem runden, aus Flechtwerk gefertigten und mit Baststoff überkleideten Kopf der Maske überhaupt nicht dargestellt sind. Die neben dem üblichen Zopf an einem Sipó frei herabhängenden Baststreifen sollen vielleicht die langen, dünnen Haare andeuten, mit denen der Körper des Tieres bedeckt. Der Gesang lautet bei den Kobéua:

„kalulá kalulá kalulá
kalu kalu maká ua kadyu kalulá
kalulá kalulá
ú — — —.“

Piáko, ein kleiner, schwarzer Flußfisch, auch „Krötentochter“ genannt, hält beim Tanz eine Kalabasse in den Händen, über der ein kurzer Stock liegt, unter dem Gesang:

„kánama kánamó (zweimal)
kánama kaliuadya
hō — hō hō — hō hō — hō“²³

Eine Spiralzeichnung auf dem Körper dieser Maske wurde mir als „Därme der *Piáko*“ angegeben.

Von anderen Tierdämonen wußten mir die Kobéua weiter nichts sagen,

boca do animal são, na verdade, tão pequenos que não são representados na cabeça redonda da máscara, feita de líquem e entrecasca. As tiras de entrecasca penduradas livremente ao lado da trança usual, em um sipó, são talvez destinadas a sugerir o pêlo longo e fino com que o corpo do animal é coberto.. O canto entre os kobéua soa assim:

“kalulá kalulá kalulá
kalu kalu maká ua kadyu kalulá
kalulá kalulá
ú — — —.”

Piáko, um pequeno peixe negro do rio, também conhecido como “filho da rã”, segura uma cabaça durante a dança, sobre a qual fica um curto bastão, equanto dança ao som do canto:

“kánama kánamó (duas vezes)
kánama kaliuadya
hō — hō hō — hō hō — hō”²³

Fui informado que uma espiral pintada no corpo dessa máscara são “os intestinos do *Piáko*”.

Acerca de outros demônios animais os kobéua não puderam me falar

als daß sie „gut“ wären und, entsprechend der eigentlichen Natur ihrer Vorbilder, im Walde oder im Wasser lebten: *Köbáuäko*, ein Papagei, *Piníkabokö*, ein kleiner, weißer Vogel, *Ihiabölö*, eine kleine Flußente, *Háimä*, der Yandiáfisch, *Bätákahaimä*, der schwarze Yandiá, *Áuahölábö*, der bunte Aracúfisch, *Íyudyo*, der kleine Aracú, *Bákokoko*, ein kleiner Frosch, *Mālakaíbo*, ein großer Abendschmetterling von der Gattung *Morpho*, *Bolítataloko*, ein Schmetterling, *Böbáko*, ein kleiner Nachtschwärmer, der im Walde an Igarapes wohnt, *Kölatímali*, ein sehr kleiner Mistkäfer, *Kumátidiauö* und *Tadyíua pikóá*, zwei Raupen.

Verschiedene Tiermasken der Káua, über die mir die Kobéua nur wenige nichtssagende Erklärungen geben konnten, scheinen bei ihnen nicht im Gebrauch zu sein: *Himáukö*, eine haarige Raupe, deren Berührung blasige Hautkrankheit hervorruft, *Oadyálukö*, Raupenmutter, eine große Schmetterlingsraupe mit dickem Kopf, *Biáhukö*, eine Pfeffermade²⁴, *Kahátoa*, eine Raupe, *Hiákalaua*, eine große rote Schmetterlingsraupe, die merkwürdigerweise im Fluß wohnen soll.

mais nada, exceto que era bons, e, de acordo com a real natureza de seus modelos, vivem na floresta ou na água: *Köbáuäko*, um papagaio, *Piníkabokö*, um pássaro pequeno e branco, *Ihiabölö*, um pequeno pato do rio, *Háimä*, o peixe Yandiá, *Bätákahaimä*, o Yandiá negro, *Áuahölábö*, o colorido peixe Aracú, *Íyudyo*, o aracú pequeno, *Bákokoko*, uma pequena rã, *Mālakaíbo*, uma grande borboleta noturna do gênero *Morpho*, *Bolítataloko*, uma borboleta, *Böbáko*, uma pequena mariposa que vive nos igarapés das matas, *Kölatímali*, um vira-bosta bem pequeno, *Kumátidiauö* e *Tadyíua pikóá*, duas lagartas.

Diferentes máscaras de animais dos káua, sobre as quais os kobéua só puderam me fornecer algumas explicações sem sentido, parecem não ser usadas entre esses últimos: *Himáukö*, uma lagarta peluda, cujo toque causa uma doença que produz bolhas na pele, *Oadyálukö*, Lagartamãe, a lagarta de uma grande borboleta com um corpo roliço, *Biáhukö*, uma larva-pimenta²⁴, *Kahátoa*, uma lagarta, *Hiákalaua*, uma grande lagarta vermelha de borboleta, que, surpreendentemente, dizem viver no rio.

Am Aiary sah ich mehrmals Tänze von Raupen. Zwei Tänzer hielten in der Rechten lange Tanzstöcke vertikal vor sich und schritten singend hin und her:

„kanakú kanakú mĩnali kadyá
(zweimal)
uai manĩ kanakú mĩnali kadyá
li – a – hõ – hõ.“ usw.

Ein andermal wurde der Tanz von einem Tänzer in derselben Weise ausgeführt unter dem Gesang:

„uai palikū uai palikū
uai palikó – – ó
ó – hõ.“ usw.

Außer den bisher behandelten Tänzen, die den einzelnen Dämonen eigentümlich sind und in der Regel nur mit der dazu bestimmten Maske getanzt werden, gibt es auch Tänze, an denen sich alle Masken ohne Unterschied beteiligen können.

Mehrere dieser Tänze sah ich schon am Aiary. Sehr beliebt ist der Tanz der *Kubúua*, Sandflöhe, der von möglichst vielen Masken ausgeführt wird. Die linke Hand der Tänzer ruht auf der rechten Schulter des

Em Aiary em vi diversas vezes danças de lagartas. Dois dançarinos agarram verticalmente, com a mão direita, um bastão de dança à sua frente e dão passadas de uma lado para o outro cantando:

“kanakú kanakú mĩnali kadyá (duas vezes)
uai manĩ kanakú mĩnali kadyá
li – a – hõ – hõ” etc.

Numa outra oportunidade, a mesma dança foi executada por *um único* dançarino da mesma maneira, sob o canto:

“uai palikū uai palikū
uai palikó – – ó
ó – hõ”, etc.

Além das danças tratadas até agora, que são próprias de demônios específicos e que, via de regra, só são executadas com as suas máscaras típicas, também há danças nas quais todas as máscaras sem distinção podem participar.

Muitas dessas danças eu já tinha visto em Aiary. Muito apreciada é a dança dos *Kubúua*, Pulgas de Areia, que pode ser possivelmente executada por muitas máscaras. A mão esquerda do dançarino encosta no om-

Nebenmannes. In der Rechten hält jeder einen langen Tanzstock vertikal vor sich. So schreiten sie hin und her und singen:

Káua

1. „máli kakaúadyú lě (zweimal)
kaúadyú ká kaúadyú lě (zweimal)
óhó — hó óhó — hó.“

2. „múne múne minalí kadyá
(dreimal)
máli ka míneuádyu lě (zweimal)
óhó — hó óhó — hó.“

3. „múne múne mine uádyu lě
(zweimal)
máli ká mine uádyu lě (zweimal)
óhó — hó óhó — hó.“

4. „kaúadyú kaúadyú minalí ká
(zweimal)
máli kakaúadyú lě (zweimal)
kaúadyú kauadyu lě
óhó — hó óhó — hó.“

Kobéua: „kánauadyuká kánauadyulá
(zweimal)
kánauadyu kánauadyu mínálíka
málíka kánauadyulá
hó — — —.“

Zum Schluß laufen die Tänzer mit raschem “tsě-tsě-tsě” zum Standort ihrer Masken und demaskieren sich. Auch am Tanz des Aracua-Vogels, *Ölömökó*, können beliebig viele

bro direito do seu companheiro. Na mão direita, todos portam, na vertical, um longo bastão de dança diante de si. Assim, dão passos de dança de um lado para o outro e cantam:

Káua

1. “máli kakaúadyú lě (duas vezes)
kaúadyú ká kaúadyú lě (duas vezes)
óhó — hó óhó — hó.”

2. “múne múne minalí kadyá (três vezes)
máli ka míneuádyu lě (duas vezes)
óhó — hó óhó — hó.”

3. “múne múne mine uádyu lě (duas vezes)
máli ká mine uádyu lě (duas vezes)
óhó — hó óhó — hó.”

4. “kaúadyú kaúadyú minalí ká
(duas vezes)
máli kakaúadyú lě (duas vezes)
kaúadyú kauadyu lě
óhó — hó óhó — hó.”

Kobéua: “kánauadyuká kánauadyulá
(duas vezes)
kánauadyu kánauadyu mínálíka
málíka kánauadyulá
hó — — —.”

Ao final, os dançarinos correm para o local das suas máscaras com um rápido “tsě-tsě-tsě” e se desmascaram.

Na dança do pássaro Aracua,

Masken teilnehmen, die in derselben Haltung, wie beim vorigen Tanz, bald nebeneinander nach rechts und nach links schreiten, bald hintereinander eine rasche Runde tanzen, wobei sie zugleich mit dem rechten Fuß und mit dem Tanzstock aufstampfen und singen:

„kenakū pēlí (zweimal)
kárauádyá lē
kenakū pēlí (zweimal)
kárauádyá línakú“ usw. endlos wiederholt.

Beim Tanz des Temtem-Vogels, *Umānamí*²⁵, halten zwei Masken in jeder Hand einen Stock vertikal vor sich und neigen sich wiederholt gegeneinander. Dann trippeln sie in derselben Stellung vor- und rückwärts und singen:

„haíbilitso bílitsó (zweimal)
haíbileí kunimá yairé kó
óhó.“ usw.

Schließlich laufen sie mehrmals im Kreise hintereinander her und beenden mit ausklingendem „ē — —“ den Tanz.

Der Tanz der *Yölöueua*, der Schwälbchen, die über dem Fluß

Ölömökó, um número considerável de máscaras pode participar, as quais se comportam da mesma forma que na dança anterior, uma hora dando passadas para os lados, para a direita e para a esquerda; outra hora dançando umas atrás das outras, numa rápida dança circular, enquanto ao mesmo tempo batem com o pé direito e com o bastão de dança e cantam:

“kenakū pēlí (duas vezes)
kárauádyá lē
kenakū pēlí (duas vezes)
kárauádyá línakú” etc. repetido *ad infinitum*.

Na dança do pássaro Temtem, *Umānamí*²⁵, duas máscaras seguram verticalmente, em cada uma das mãos, um bastão diante de si e inclinam-se uma contra a outra repetidamente. Cambaleiam então no mesmo lugar para frente e para trás e cantam:

“haíbilitso bílitsó (duas vezes)
haíbileí kunimá yairé kó
óhó.” etc.

Finalmente, elas trotam em círculo várias vezes uma atrás da outra e terminam a dança com um “ē — —” final.

A dança dos *Yölöueua*, as Andorinhazinhas que voam sobre o rio de

hin- und her streichen, wird ebenfalls von zwei Masken ausgeführt, die nebeneinander gehen und mit einem Stock in der Rechten bei jedem Schritt aufstampfen. Auch diesen Tanz beobachtete ich, wie die beiden vorhergehenden, nur am Aiary²⁶. Der Text des Gesanges lautet dort:

„káiuyu káiuyu yúmení (duas vezes)
málika káiuyu lí — á
kalé — — —
káiuyu lé yakauá.“ (zweimal)

„okó penitô kātinoí (zweimal)
kái káiuyā yúmenī (zweimal)
káiuyú lé yakauá.“ (zweimal)²⁷

Zu den Massentänzen gehört auch der Tanz des Phallus, *Nóädō*²⁸, der in beiden Gebieten in gleicher Weise stattfindet. Die Fruchtbarkeitserzeugung wird durch mimische Darstellung der Begattung und Befruchtung drastisch zum Ausdruck gebracht. Die Tänzer halten große, aus Bast gedrehte Phallen mit Testikeln aus den roten Zapfen eines niedrigen Capoeira-Baumes, den die Kobéua *yömädō* nennen, mit beiden Händen an den Leib und tanzen zunächst im Geschwindschritt mit vorgebeugtem Oberkörper hintereinander her,

um lado para o outro, é, às vezes, executada por duas máscaras, que vão lado a lado, batendo um bastão, que trazem na mão direita, a cada passada. Essa dança, como as duas anteriores, eu observei apenas em Aiary²⁶. O texto do canto soa assim lá:

“káiuyu káiuyu yúmení (duas vezes)
málika káiuyu lí — á
kalé — — —
káiuyu lé yakauá.” (duas vezes)

“okó penitô kātinoí (duas vezes)
kái káiuyā yúmenī (duas vezes)
káiuyú lé yakauá.” (duas vezes)²⁷

À essa massa de danças, pertence também a dança do *phallus*, *Nóädō*²⁸, que em ambos os locais acontece da mesma maneira. A promoção da fertilidade é expressa por meio de uma impressionante representação da cópula e da fecundação. Os dançarinos carregam com as mãos grandes falos moldados de entrecasca junto ao corpo, com testículos feitos a partir de um cone vermelho da pequena árvore Capoeira, que os kobéua chamam de *yömädō*, e dançam, inicialmente, um atrás do outro, com a parte superior do corpo curvada, num passo rápido, batendo

wobei sie mit dem rechten Fuß aufstampfen und singen:

Kauá: „kádyauaká kádyauale
(dreimal)
hó — hō — hó hó — hō — hó
mápalilão miái mákupaló
(zweimal)
noé palikó
hó — hō — hó hó — hō — hó“

Kobéua: „dúlā dúlā
dúlā makauadyalú
dúlā dúlā “ usw.

com pé direito e cantando:

Kauá: “kádyauaká kádyauale
(três vezes)
hó — hō — hó hó — hō — hó
mápalilão miái mákupaló (duas
vezes)
noé palikó
hó — hō — hó hó — hō — hó

Kobéua: “dúlā dúlā
dúlā makauadyalú
dúla dúlā” etc.

Plötzlich springen die Tänzer unter heftigen Coitusbewegungen und lautem Stöhnen „ ài (ye) — ài (ye) — ài (ye)“ wild dahin und stellen sich endlich in einer unregelmäßigen Gruppe auf. Sie streichen mit der rechten Hand leicht über die Phallen, klopfen unter schnalzenden Lauten mit den Fingern darauf und machen unter Blasen mit der ausgestreckten Hand wehende Bewegungen, wie wenn sie etwas in die Lüfte zerstreuten²⁹. Der ruckweise ausströmende Samen wird überallhin verbreitet. So treiben es die Tänzer in jedem Winkel des Hauses, am Rande des Waldes und der nahegelegenen Pflanzung; sie springen zwischen die zuschauenden Frauen und Mädchen, die schreiend und lachend auseinanderstieben; sie stoßen mit

Repentinamente, os dançarinos, fazendo movimentos violentos que imitam o coito, soltam altos gemidos “àì (ye) — àì (ye) — àì (ye)” e reu-nem-se então num grupo desorganizado. Eles acariciam com a mão direita seus falos, nos quais batem com os dedos, fazendo cliques, enquanto assopram a mão estendida, como se jogassem algo ao vento²⁹. O sêmen assim sacudido espalha-se por todo lugar. Os dançarinos fazem isso em todos os cantos da casa, na borda da floresta e nas plantações vizinhas; eles pulam no meio nas mulheres e moças que estão assistindo, e essas, gritando e rindo, batem em retirada; eles cutucam com os falos uns nos outros; e, sim, atacam também a mim e ao Schmidt, enquanto fotografávamos a cena.

den Phallen gegeneinander; ja, sie attackierten mich und Schmidt, als wir die Szene photographierten.

Es liegt in der Natur der Sache, daß die Indianer sich diesem Phallustanz mit besonderem Genuß hingeben und dabei zu obszönen Späßen neigen, die eigentlich nicht dazu gehören. Trotzdem ist es, wie ich schon früher ausführte, ein ernster und, da ein natürlicher Vorgang dargestellt wird, nach der Auffassung des Naturmenschen anständiger Tanz. Die Maskengeister sind als Dämonen der Fruchtbarkeit gedacht, die in der Ausübung des geschlechtlichen Aktes mimisch vorgeführt werden, um dadurch Wachstum, Werden und Gedeihen in der ganzen Natur, die sich in ihnen verkörpert, zu fördern³⁰.

Auf die Bedeutung der Maskentänze im allgemeinen habe ich schon im ersten Bande (S. 139) hingewiesen. Allen diesen mimischen Darstellungen liegt die Idee einer Zauberwirkung zugrunde. Sie sollen dem Dorf und seinen Bewohnern, den Pflanzungen, der ganzen umgebenden Natur Segen und Fruchtbarkeit bringen, gleichsam als Ersatz für den Toten, zu dessen Ehren das Fest stattfindet. Dadurch, daß der Tänzer in Bewegungen und Handlungen das Wesen, das

É próprio da natureza do ritual que os índios se entregam com particular prazer a esta dança fálica e que, no processo, tendam a brincadeiras obscenas que ali não cabem. No entanto, como já expliquei, é uma dança séria e, como representa um processo natural, é uma dança decente na opinião do homem da natureza. Os espíritos mascarados são pensados como demônios da fertilidade, imitados na realização do ato sexual, promovendo assim o crescimento, o nascimento e o florescimento, que neles está corporificado, em toda a natureza³⁰.

Já fiz alguns apontamentos de caráter genérico acerca do significado das danças de máscaras no primeiro volume (p. 139). À todas as representações miméticas subjaz uma ideia de poder mágico. Elas devem abençoar toda a aldeia, seus habitantes, as plantações e toda a natureza circundante; trazer, ainda, fertilidade, ao mesmo tempo em que servem de substituto para os mortos, em cuja honra a festa se dá. Na medida em que o dançarino, em seus movimentos e gestos, tenta imitar o mais

er darzustellen sucht, möglichst getreu nachahmt, identifiziert er sich mit ihm. Die geheimnisvolle Kraft, die der Maske innewohnt, geht auf den Tänzer über, macht ihn selbst zu einem mächtigen Dämon und befähigt ihn, die Dämonen zu vertreiben oder günstig zu stimmen. Besonders die Dämonen des Wachstums, die Tiergeister, die dabei eine Rolle spielen, und die Tiergeister der Jagd und des Fischfangs sollen durch mimische Handlungen in den Machtbereich des Menschen gebannt werden.

fielmente possível o ser que deseja representar, acaba por se identificar com ele. O poder secreto que habita a máscara é transferido para o dançarino, transforma-o num poderoso demônio e o capacita a afastar os demônios ou a aplacá-los. Especialmente os demônios do crescimento, os espíritos dos animais, que aí têm um papel, e o espírito anímico da caça e da pesca devem, por meio desse processo mimético, ser trazidos para a esfera de poder humano.

Notas

1. N. do T.: No texto alemão, foi preservada a grafia da época e eventuais erros de impressão, esses marcados com *sic*. Igualmente, preservei a grafia original dos nomes de localidades, grupos étnicos, línguas etc. como registrados por Koch-Grünberg (a partir daqui, K.-G.). Esses nomes podem ter mudado desde a publicação dos dois volumes do seu livro, na primeira década do séc. XX.
2. N. do T.: No nordeste do estado do Amazonas.
3. N. do A.: *Auch Tschiuauaxpú, Uána, Flöten und andere Tanzgeräte werden mit Entenflaum beklebt* (Também são cobertos com penugem de pato o Tschiuauaxpú, a Uána, flautas e outros acessórios de dança). N. do T.: A letra χ é utilizada por K.-G. para representar a gutural aspirada /k^h/, que é o valor que essa letra tem no alfabeto grego. No dicionário de MORSE et. al. 99), esse mesmo som é representado pela letra “j” com o mesmo valor, de acordo com a fonética do espanhol.
4. N. T.: Como se deixa perceber pelo parágrafo seguinte, K-G. utiliza o termo *Dämon*, “demônio” no seu sentido etimológico de “espírito”, benigno ou maligno, como no original grego *daimōn*.
5. N. T.: De acordo com o dicionário de MORSE et. al. 99) “*tácu* s. inan. (clas. -cu) árbol (se hace brea de su savia). pl. *tácu*”. O original em alemão seria *Basthaus*, que, literalmente, quer dizer “casa de entrecasca”.
6. N. T.: Nesse caso, a palavra é, obviamente, apenas *anga*, alma, em Tupinambá. “Língua geral” é a da forma do Tupinambá falado na região amazônica e que difere tanto da Língua Geral Paulista quanto do Tupi antigo.
7. N. T.: Literalmente em Cubeo: Casa dos Mortos, “*mácu*, *mácu*cn adj. m. falecido” (Morse et. al., 1999, s.v. *mácu*)
8. N. T.: Em cubeo, o masculino animado se faz em -u (ou, como grafa K.-G., -ö), ao passo que o feminino se faz em -o.
9. N. do A.: *Von hokökö-Baum, im Kobéua* (Da árvore *hokökö*). N do T.: De acordo com Morse et. al. 99), s. v. *jocucu* (a grafia moderna de *Hokökö*-) é o termo mais genérico para “árvore” em cubeo.

10. N. do A.: *Beim Imeo (Käferlarve)-Tanz der Bakairi trägt der Tänzer Wams und Hosen in ein em Stück aus Miriti-Stroh geflochten.* K. v. d. Steinen : a. a. O. S. 301— 302, Abb. 92. — *Auch Ehrenreich : a. a. O. S. 35, Fig. 18 -19, fand bei den Karayá am Araguaya Hosenmasken, aus Oaguassublättern geflochten, die Fische darstellten,* (Na dança do Imeo (“Larva de Besouro”) dos Bakairi, o dançarino porta um casaco e calças trançados com um pedaço de palha de miriti. K. v. d. Steinen *op. cit.* p. 301- 302, Fig. 92. — Ehrenreich : *op. cit.* p. 35, Fig. 18 -19 , também encontrou entre os Karayá do Araguaya “máscaras de calças”, tecidas com folhas de *oagua*, que representavam peixes.).

11. N. do A.: *Auch bei den Masken des Fautiers (Abb. 111 c) und verschiedener Raupen und Käferlarven ist der Kopf auf diese Weise hergestellt* (As máscaras da preguiça (Fig. 111 c) e várias lagartas e larvas de escaravelho também têm suas cabeças feitas desta forma.).

12. *In diesem Schmetterlingsgesang scheinen Aruak- und Kobéua-Worte bunt durcheinander zu gehen.* Aruak: makálu = Schmetterling; yakalé = Heimat. — Kobéua: mumi = Honig; dalí = gekommen; kopai = heim, heimwärts; muhá = Carayurú (?). In dauiyá scheint dauó = ich komme, zu stecken. anokapúnauí hängt vielleicht mit ánoi, anokapolauó = dort, zusammen. Strophe 8 bezieht sich offenbar auf die Weiber (nomíua) und den großen Kaschiritopf (pakóholobö), (Nesse canto da borboleta palavras aruak e kobéua parecem ter sido misturadas para dar um colorido especial. Aruak: makálu = borboleta; yakalé = pátria. — Kobéua: mumi = mel; dalí = vindo; kopai = casa, para casa; muhá = Carayurú (?). Em dauiyá aparece dauó = venho para picar. anokapúnauí talvez vá junto com ánoi, anokapolauó = lá, junto. A estrofe 8 refere-se aparentemente às mulheres (nomíua) e ao grande pote de kashiri (pakóholobö) .

13. N. do A.: *Mygale sp.* N. do T.: Provavelmente a *Mygale avicularia*, que no Brasil é chamada por esse nome. A despeito do que fiz K-G. essa aranha tem um veneno fraco, porém doloroso, mas, por ser dócil, raramente pica e pode até ser criada como animal de estimação.

14. N. do A.: *Kobéua: Tanz und Maske habe ich nur bei diesem Stamme gefunden,* (Kobéua: Dança e máscara que eu só encontrei com esta tribo).

15. N.do T.: Talvez K.-G. tenha se enganado quanto à espécie, uma vez que o carará é identificado pelo nome científico de *Anhinga anhinga* (L) e também é conhecido como biguatinga, carará, arará entre outros nomes.
16. N.T.: Murucutu é como ainda se chama a coruja *Pulsatrix perspicillata* em algumas partes do norte e nordeste do Brasil.
17. N.T.: Da Língua Geral Tupi, *uru'wu*, grande ave negra. Aqui provavelmente o comuníssimo urubu-negro, *Coragyps atratus*.
18. N.T.: O urubu-rei, *Sarcoramphus papa* (L.). Iguamente do tupi *uru'wu tínga*, grande ave alvinegra, porque o urubu-rei tem uma estola branca sobre os ombros.
19. *Denselben Aufsatz tragen die Masken des Máuayo (Abb. 112a), Āuali, Piníkabokö, Míauí (Abb. 112b) u. a* (As máscaras de Máuayo (Fig. 112a), Āuali, Piníkabokö, Míauí (Fig. 112b) e outras trazem o mesmo adereço).
20. N. do A.: *Bei den Kobéua am Cuduiary notiert* (Também ouvido entre os kobéua).
21. N. do A.: Fulgora laternaria . *Name im Aruak: nyépuli; im Kobéua ebenfals umānahokö, (Fulgora laternaria. Nome em aruak: nyépuli; em kobéua, ademais, umānahokö.)*.
22. N. do A.: *pāká = Brennholz, im Kobéua (pāká = lenha, em kobéua)*.
23. N. do A.: *Bei den Kobéua am Cuduiary notiert* (Também ouvido entre os kobéua).
24. N. do A.: *biá = Capsicum , im Kobéua, (biá = Capsicum , em Kobéua)*.
25. N. do A.: *Tachyphonus sp.*
26. N. do A.: *Von fast sämtlichen näher beschriebenen Tänzen wurden Photographien aufgenommen, die aber hier nicht alle reproduziert werden konnten, (Foram tiradas fotografias de quase todas as danças descritas com mais detalhes, mas nem todas elas puderam ser reproduzidas aqui.)* .

27. N. do A.: *Die zweite Strophe enthält einige Kobéua Worte: okó = Wasser; katínoi = unter, (A segunda estrofe contém algumas palavras kobéua: okö = água; katinoi = abaixo).*
28. nóädö = *Penis im Kobéua, (nóädö = pênis em kobéua).*
29. N. do A.: *Ähnlich wie beim Regenzauber und bei der Krankenkur, (De maneira semelhante durante o ritual da dança da chuva e da cura de doentes).*
30. *Auch Popáli und Makátχikō (...) dürfen wir wegen ihrer ungeheuren Phallen als Fruchtbarkeitsdämonen ansehen. — Vgl. dazu die Schrift von K. Th. Preuß : Phallische Fruchtbarkeitsdämonen etc. Archiv für Anthropologie 1903. Neue Folge. Bd. I, Heft 3, S. 129ff, (Popáli e Makátχikō (...) também podem ser considerados demônios da fertilidade por causa de seus enormes falos. - Cf. o artigo de K. Th. Preuß : Phallische Fruchtbarkeitsdämonen etc. Archiv für Anthropologie 1903. Neue Folge. Vol. I, Fascículo 3, p. 129 seg.).*

Apêndice

Algumas figuras que acompanham ou são referidas no texto.

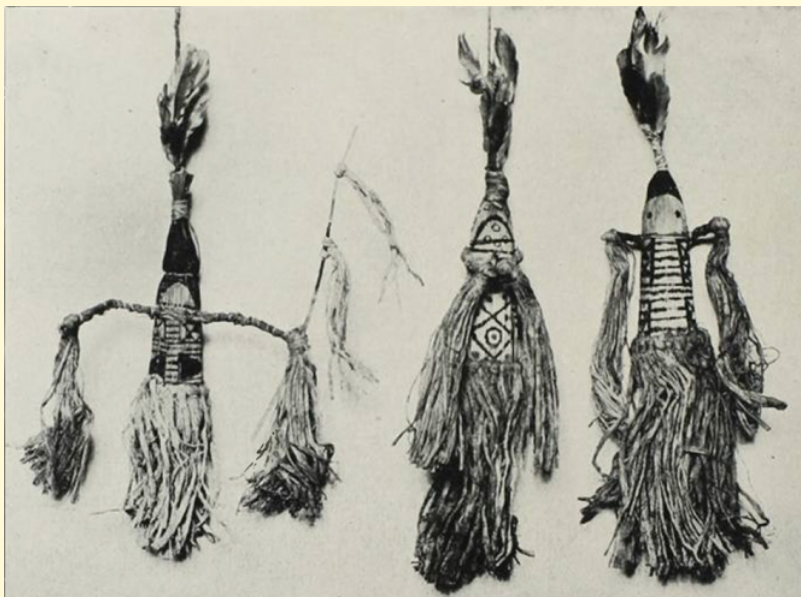


Figura 103 - Modelos de máscaras feitas com espiga de milho. Brinquedos. Rio Cuduiary. Da esquerda para a direita: a. Máuayo (peixe Aracú de boca vermelha), b. Yauí (onça), Bolíkakö (o peixe Aracú). Foto: K.-G.

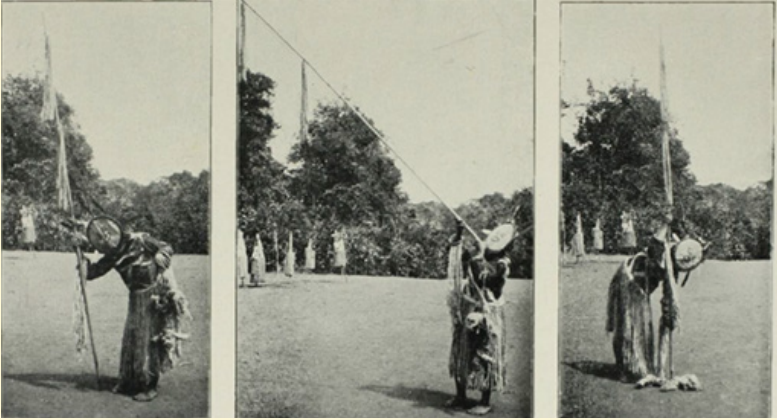


Figura 105 - Dança do espírito da floresta e duende da caça Mákukö. Kobéua. Rio Cudaiary. a) Mákukö se aproxima da caça; b) Mákukö Atira com a zarabatana; c) Mákukö mata o macaco atingido.



Figura 108 - O casal de demônios Kohäkö e Kohäko. Desenho a lápis do índio kobéua Aúbo (a) e Pauäkö Yauídö (b). De Surubiröca. Rio Cudaiary. Original é 1/1.



a.



b.



(C)

Figura 109 – *Dança da Borboleta*. a, b. *Káua*. Rio *Aiarý*. c. *Kobéua*. Rio *Cudaiarý*



Figura 110 – Danças de máscaras dos kobéua. Rio Caduiary.
(a) *Mãka* (Tarântula). b. *Päkápikokö* (Larva de Besouro). c. *Yamáko* (Veado). d.
Bolíkakö (Peixe Aracú)

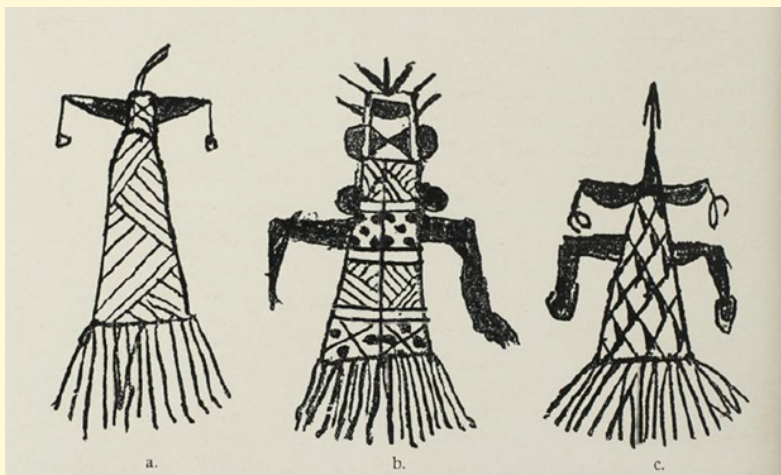


Figura 114 – Máscaras de dança: Borboletas. Desenho a lápis de um Bahúna. Rio Cudaiary